

seis poemas

de **Luis Eduardo de Sousa**

Nasceu em São Paulo, em 1979. É integrante do Centro de Dramaturgia Contemporânea (CDC). Em 2012, o CDC iniciou em Portugal o projeto Capitãias Dramatúrgicas, contemplado em edital do Ministério da Cultura (MinC). A iniciativa inédita de intercâmbio entre dramaturgos dos dois países foi coordenada pelo autor e diretor Samir Yazbek. Lançou, pela Editora Patuá, o livro de peças teatrais Às de Copas e Pretérito Imperfeito, da coleção "Palavras para Teatro".

CONTATO www.facebook.com/luis.eduardodesousa.79

OVOS DE PÁSCOA SÃO FEITOS NO INFERNO

Sangue coagulado no final da trilha
Crianças esquartejadas em hotéis da cidade
Moleques com pedras de crack na ressurreição

Ovos de páscoa são feitos no inferno.

Hoje é dia de visita
Barulho de ovos quebrando na vistoria
Mães chorando no pátio interno

Ovos de páscoa são feitos no inferno

A solidão é a adolescência do suicídio
Meus filhos não estão comigo
Vou decapitar o coelhinho da páscoa

Ovos de páscoa são feitos no inferno.

Jesus não morreu por mim
Não morreu por você
Não morreu pela sua T.v de plasma

Ovos de páscoa são feitos no inferno.

A falsa esperança de renovação
A falsa sensação de comemoração
Um pedaço de chocolate derretendo na sua boca

Vai ficar tudo bem...
Tudo bem.

pequenos lugares

Tem esses pequenos lugares na minha cabeça
Que preservam a minha sanidade
lugares que evitam a desordem e o caos

Eles separam
a lógica e a razão
realidade e a ilusão
escritor e o escrito
Sobriedade e a felicidade

Eles
(os lugares)
guardam tudo

Física quântica
Minha infância
Histórias em quadrinhos
Ex-namoradas

Minhas ex ficam num mesmo lugar
e se estapeam o tempo todo

assim me deixam em paz

Mas tem um lugar só seu
Vazio
Limpo
Recentemente pintado

Você disse que logo viria e traria louros para minha vida.

Espero
Espero
Espero

E o seu lugar se dilui
e todos os outros
também

Os habitantes fogem
como loucos do Asilo Arkham

Agora tem essa lacuna

dentro de mim

que chamam de solidão

e
tem esses vãos que separam

Os arranha-céus da cidade

Preenchidos por
Pombos
Gotas de chuva

e corpos vazios

que flutuam no ar.

geo

Para Drika Nery

Transitava pela terra de tempo geológico
pavimentada pela preguiça.

Sussurrava ali meias palavras
que não vestiam os seus pés.

Calçava precocemente
prefixos para realçar substantivos.

Comprava adjetivos
numa dessas promoções.

Muitas vezes...
Ficava parada por horas no farol
por não saber se o verbo era transitivo ou não.
Quando arriscou...
era direto.

Procrastinava verbos
como quem não quer lavar a louça.

Escrever não é colocar palavras no papel.

A escrita é a síntese.

De vogais que planam no ar,
consoantes que dão rasantes
e
idéias que
migram
migram...
longas distâncias
só para reproduzir.

rounds

Há um boxeador dentro de mim.

Ele parou de lutar.

Marco lutas e confirmo datas...
ele nunca comparece.

Há um boxeador dentro de mim.

Desistindo fácil demais.

Cai no primeiro round e reclama da dor.

Ele se encolhe.
Ele chora.
Ele joga a toalha.

Há um boxeador dentro de mim.
Que perdeu muitas lutas.

Lutas consecutivas com pesos mínimos.

O sino não para de tocar.

Há um boxeador dentro de mim.

Com ótimos
ganchos e cruzados
Disparando Jabs

Esquerda
Direita
Esquerda

Mas seus punhos enferrujaram.

Há um boxeador dentro de mim.

Que
Não fomento
Não levo nos treinos
Não dou disciplina.

Ele recebe vaias.

Deixou de ser admirado.

Há um boxeador dentro de mim.

Que quero que lute.

Mesmo agarrado nas cordas.

Balançando o seu corpo dilacerado
como uma carcaça no matadouro.

Que
o fatalismo venha
mas que não caia.

Ele ostenta
os olhos inchados
o nariz jorrando sangue
e o sorriso sarcástico
típico dos vencedores.

Há um boxeador dentro de mim.

1...2...3...

Há um boxeador dentro de mim.

Direita....esquerda...direita...

Há um boxeador dentro de mim.

Agora, com licença.

Preciso ir.

Eu tenho uma luta.

submundo particular

Havia uma pensão na Rua Vitória

Um apartamento gigante no sexto andar.

Cortinas, biombos e tijolos dividam as particularidades dos

[hospedeiros.

O banheiro e a cozinha eram os únicos lugares onde as fronteiras

[da privacidade se diluíam.

Onde as conversas fritavam com os ovos

E as confissões pairavam com o cheiro do café da manhã

Havia uma pensão na Rua Vitória

Onde...

Damas noturnas transitavam de lingerie nas tardes de domingo

Cantores de Bolero dormiam agarrados a uma garrafa de conhaque

Travestis penteavam perucas ao som de Like a Virgin

Mães solteiras procuravam alianças no vão do sofá

Bêbados dormiam nas escadarias entre o quarto e o quinto andar

Mães de Santo contavam moedas de previsões desesperadas

[de relacionamentos possessivos

Aeromoças loucas e nuas gritavam na Praça Julio Mesquita

Lúcifer em pessoa voltava para buscar os seus órfãos

Traficantes e Cafetinas choravam na Sessão da Tarde

Aleijados e Cegos corrigiam a ortografia da sua placa de anúncio
Um senhor sem nome organizava a sua coleção
[de identidades roubadas
Dançarinas com parceiros reptilianos se hospedavam após o
[Show de Calouros
Homens com fantasias infantis investiam em fichas de Fliperama
Homossexuais seminus pegavam sol em sacadas imperiais
Relações incestuosas gemiam sob a luz de Virgem Maria
Células desordenadas e contagiosas alteravam o curso da história
Havia uma pensão na Rua Vitória
Que de Vitória só havia o nome
Uma pensão
cuja dona
era uma senhora com os olhos vazios
observava o comportamento dos pombos
ouvia sinfonias de compositores mortos
tinha como companhia o seu sobrinho
Um garoto de óculos de nove anos de idade
que descobriu uma pilha de livros e gibis perto do banheiro
Ele lê incessantemente
enquanto sua infância
transita
em seu
submundo particular.

a árvore de taturanas

Me lembro que estudava numa escola que tinha uma árvore cheia de taturanas.

De vez em quando caía uma taturana em um aluno e o queimava.

Todos os alunos eram maiores do que eu.

A maioria me batia na hora do recreio.

Me refugiei embaixo de uma árvore cheia de taturanas.

Ninguém tinha coragem de ficar lá.

Ficava o recreio inteiro debaixo da árvore e só saía quando batia o sinal.

Fiquei anos fazendo isso.

Às vezes chorava sozinho porque ninguém falava comigo.

Até as professoras me ignoravam.

Fiquei com a fama do menino estranho das taturanas.

O esquisito.

Isolado.

Quieto.

Eu só tinha seis anos.

Hoje tenho trinta e um.

Não sei o que aconteceu com os alunos que estudavam comigo.

Sumiram.

Como se nunca tivessem existido

Agora tenho muitos amigos.

Sou dramaturgo, poeta e escritor.

Tenho um filho.

E ainda choro sozinho.

Não deixaram de me chamar de estranho.

O esquisito.

Isolado.

Quieto.

Nunca mais encontrei uma árvore cheia de taturanas.

Tudo bem.

Não preciso mais da árvore.

Logo, essas pessoas sumirão.

Como se nunca tivessem existido.

